

em admitir-se que tal fato pode ter influido na posição mais tarde assumida por Agobardo, a favor dos filhos de Luiz.

Como bispo propriamente dito, dedicado aos seus fiéis, escreveu ele ainda alguns trabalhos classificados como "obras pastorais", em que "nous le voyons, une fois de plus, avant tout préoccupé de doctrine. Il s'efforce d'inculquer le dogme dans ce qu'il a de plus essentiel, de plus élevé, mais aussi de plus difficile: la Trinité, l'Incarnation, la Rédemption, l'unité du corps mystique" (p. 126).

Deixando de lado as obras políticas e poéticas do bispo de Lião, o A. passa a traçar um quadro de sua personalidade, em que distingue um grande traço essencial: "Comme un bon soldat du Christ il s'engage partout où l'appelle la cause du Chef auquel il s'est voué. Sa vie est simple et très une: il sert le Christ qui est pour lui toute vérité, tout bien, toute justice. Il le sert comme il l'aime, de tout son coeur, de toute son âme, de toutes ses forces et il y a dans sa manière de se porter à l'action quelque chose de si franc, de si généreux qu'il a plus d'une fois gagné la sympathie de ses adversaires eux-mêmes" (p. 133).

Assim, levando-nos às fontes, com as quais revela perfeita familiaridade, auxilia-nos o A. a formar uma idéia do homem que tanta importância teve nos acontecimentos de 830-834 no Império Franco. Equivale, portanto este primeiro volume, a uma excelente introdução ao desenvolvimento do tema escolhido por Mgr. Bressolles: a atividade política de Agobardo, Santo de Lião.

PEDRO MOACYR CAMPOS

FEBVRE (Lucien).. — *Un Destin. Martin Luther*, Presses Universitaires de France, Paris. 2.<sup>a</sup> edição. 1945.

Sob esse título, o Prof. Lucien Febvre, do Colégio de França, e que há pouco visitou o Brasil, pronunciando admiráveis conferências, escreveu magnífico estudo, que projeta nova luz sobre muitos pontos da Reforma e sobre o caráter multiforme de Lutero. Baseados na última edição dessa obra faremos breves considerações.

Saliente-se, primeiramente, que esse brilhante estudo foi feito com rigorosa imparcialidade por um historiador que, além de se distinguir em seu campo de estudo, revela preocupação pelos temas espirituais e religiosos, embora não seja filiado a qualquer igreja cristã.

Inicia o Prof. Febvre seu magnífico estudo, destruindo a tese superficial, destituída de fundamento, de que Lutero foi um devasso e bêbado. Lançada por Denifle na Europa, tem essa tese servido a propósitos sectários, especialmente no Brasil, pois na Europa até católicos, como o eminente jesuíta Grisar, contribuíram para destruir aquela acusação contra o grande reformador. "O prudente jesuíta Herman Grisar" — diz Lucien Febvre — "completou a obra de demolição (da tese), de Denifle."

Um segundo ponto abordado pelo ilustre historiador merece análise. Prova ele, ao contrário do que geralmente se costuma afirmar, especialmente no Brasil, que a Reforma não foi propriamente determinada pelas "indulgências" ou pela questão teológica — a da justificação pela fé. Demonstra ele, com fatos, que o eleitor Frederico também vendia relíquias e permitia outros abusos sem que Lutero se manifestasse em contrário. Superficial, portanto, a tese, bastante difundida, de que a Reforma foi originada em virtude da decadência em que se achava a Igreja. O problema é muito mais profundo, como o percebeu admiravelmente o Prof. Febvre.

A questão doutrinária também não foi fundamental na Reforma. Basta citar o fato de que Girolamo Leripando, em pleno Concílio de Trento, professou opiniões semelhantes às de Lutero, mas a Igreja não só as suportou como elevou o teólogo a cardeal em 1563. Daí se vê que a doutrina da justificação pela fé não foi a causa da Reforma. Aliás, é preciso salientar que a doutrina, pregada por pensadores católicos progressistas, como Jacques Maritain e Karl Adam, se aproxima bastante da pregada pelos pensadores protestantes, especialmente os menos conservadores.

Por outro lado, Lutero jamais desejou fundar "novas" igrejas, como pensam católicos, em espírito de crítica, e protestantes que, por compreenderem mal a filosofia protestante "personalista" [(pregada aliás por Maritain, (católico) e Berdiaef (ortodoxo)] confundindo-a com o individualismo", apudem a divisão das igrejas. "Lutero" — diz o eminente professor — "não queria "fundar" uma igreja, não queria sair de Roma. Mas foi excomungado, devido a questões políticas e não doutrinárias". O que impressionou a igreja organizada não foi a crítica aos abusos, nem a pregação de uma nova doutrina. Foi a pregação de um conceito revolucionário de fé — um conceito dinâmico. A religião não deveria ser um aparato intelectual, doutrinário; não consistiria em práticas exteriores, mas numa vida interior, profunda. E desta vida surgiriam naturalmente as "boas obras". A fé, portanto, para o protestantismo, não é adesão intelectual a um credo, ou a um dogma, nem a aceitação de uma doutrina. Isto seria a "crença", distinção que já se encontra em Lutero e é mais clara no pensamento protestante moderno. A confusão sobre este ponto tem determinado malentendidos entre católicos e protestantes, tendo estes, às vezes, exagerado o valor da "crença" e tendo aqueles caído no exagero oposto de pensar que pode haver "boas obras" independentemente da "atitude" interior. Entretanto, conforme se afirmou dessa posição extremada se está libertando o catolicismo liberal de Maritain e Karl Adam.

"Lutero, portanto", diz o Prof. Febvre, "não é o reformador dos abusos, não é o introdutor de uma nova doutrina ou de uma religião dogmática. Sua obra constitui em trasladar a religião do âmbito doutrinário, especulativo, dogmático, para o âmbito da vida — vida interior, vida profunda. Lutero foi, sim, um revolucionário, mas um revolucionário da vida religiosa, da qual foi um verdadeiro gênio. A "descoberta" de Lutero não é uma descoberta intelectual, doutrinária, é a descoberta de uma nova "atitude" para com Deus, de um novo tipo de religião. "A descoberta de Lutero" — diz Febvre — "consistiu no seguinte: o homem não deve querer agir pela vontade, deve deixar simplesmente que uma vontade sobrenatural aja nele. O pecador que se desespera completamente de si e de suas obras deve refugiar-se "sob as asas da galinha" (Op. cit. pág. 41). Eis a "revolução total" de Lutero, que é de uma audácia singular. Nas relações entre o homem e Deus, nada há mais de "jurídico", de legalístico, de aparato intelectual. "Tudo é amor. Opunha êle a letra, ao espírito." Reivindicava a liberdade de "designar pelo seu verdadeiro nome toda limitação do pensamento religioso, ainda que se encontrasse na própria Bíblia" (pág. 186).

Não se desconhece que antes de Lutero e mesmo hoje possa haver profunda vida interior no seio do catolicismo. Entretanto, o protestantismo fez dessa experiência íntima sua própria essência e sua filosofia. Daí ser mais "existencialista" do que o catolicismo. Por outro lado, é, na essência, menos dogmático, por confiar menos no poder da razão. Poder-se-ia, portanto, caracterizar como "religião de humildade" (Bertrand), inclusive no terreno intelectual, ou como "religião de liberdade" em contraposição a uma "religião de autoridade" (Sabatier). Não se conclua, porém, que inexistia humildade no catolicismo e seja o protestantismo livre do dogmatismo. Cumpre reconhecer que a chamada "escolástica protestante" tem sido mais estreita do que a católica. Mas, na essência, o protestantismo, não é dogmático.

Finalmente: conclui o eminente historiador afirmando que Lutero, apenas por acidente, deu origem a "seitas", e ao poder dos príncipes, pontos da Reforma severamente criticados pelos católicos até há pouco tempo. Hoje em dia, porém, há uma corrente do catolismo que afirma que a Igreja deveria ter "absorvido" a contribuição de Lutero, integrando-a no ideal da catolicidade. A esse propósito, publicou recentemente a magnífica revista católica — *Vie Intellectuelle* — interessante artigo sobre Lutero e o Luteranismo, que reflete a nova orientação daquela corrente de renovação, intelectual e religiosa, em face do problema da Reforma.

Merece, pois, ser amplamente divulgado o magnífico estudo do Prof. Lucien Febvre. Talvez não agrade a certos protestantes nem a certos católicos, uns porque prefeririam Lutero menos "humano" e mais dogmático e outros por não quererem reconhecer que sua igreja também foi culpada da cisão da cristandade. Para muitos, porém, adeptos de qualquer confissão cristã, ou mesmo não religiosos, mas preocupados pelo problema espiritual, ou ao menos pelos problemas humanos, o livro de Lucien Febvre revelará a grandeza de um homem, quando ele segue o seu "destino", isto é sua vocação. Só por este motivo se recomendaria o livro, como importante contribuição para o melhor conhecimento do homem e de suas potencialidades morais.

JOAO DEL NERO.

FRAU (Salvador Canals). — *Prehistória de América*. Editorial Sudamericana. Buenos Aires, s/d. (1950), 588 pp.

O problema da fixação das origens do homem americano é daqueles que ainda hoje geram debates e suscitam controvérsias. Dois grandes grupos — o da unicidade de povoadores e o de pluralidade das correntes povoadoras — disputam as preferências dos estudiosos do assunto. Hrdlická, à frente dos primeiros, e Paul Rivet, comandando os segundos, são os eminentes líderes desses grupos doutrinários.

Um ponto parece ser reconhecido pelas duas grandes correntes: a origem asiática ou mongolóide do indígena americano. Se para os seguidores de Hrdlická teria sido esta a única fonte de origem do homem americano, os que acompanham os pluri-povoadores aceitam o asiático como um dos elementos povoadores; para Rivet, além desse elemento asiático, participaram ainda da formação do indígena de nosso continente um elemento australiano, outro malaio-polinésio e outro esquimó.

Contribuição verdadeiramente importante para o estudo de tão discutido problema, nos oferece agora o professor Salvador Canals Frau com seu livro "Prehistória de América". Baseado no que denomina realidades paleográficas, antropológicas, etnográficas e lingüísticas, o professor Canals Frau, fixando-se como Rivet em quatro correntes de povoadores, estabelece os característicos somáticos e culturais dos respectivos grupos, a saber: 1) dolicoéides primitivos de cultura inferior, de procedência asiática, chegados à América no Paleolítico superior, através da região de Behring; 2) canoeiros mesolíticos, que entraram no continente nos começos do Mesolítico, utilizando frágeis canoas, através do arquipélago das Aleutas, e estabelecendo-se nas costas americanas do Pacífico; 3) braquióides de cultura média, portadores dos traços cultural e somático do Neolítico, procedentes do sudeste da Ásia, ou mais particularmente da Indonésia, que, ingressando por via marítima, alcançaram a América Central; 4) polinésios de alta cultura, procedentes da Polinésia, que, chegando à costa ocidental do continente, se estabeleceram na região andina, onde criaram os grandes centros de alta cultura com sociedades estratificadas, encontrados pelos descobridores e